

CONCEITUAÇÃO E DEFINIÇÃO DE SOLIDÃO

ANGELA DE ALENCAR ARARIPE PINHEIRO*

ÁLVARO TAMAYO**

Apresenta sumariamente a situação do estudo da solidão no geral, e particularmente em relação ao Brasil. Conceituação e definição de solidão são exploradas e discutidas, a partir das dimensões do fenômeno encontradas na literatura pertinente. Ao final, é proposta uma definição para a solidão, com base no material bibliográfico consultado e procurando-se abranger as dimensões apresentadas (33 referências).

1. INTRODUÇÃO

A solidão, fenômeno de grande difusão e reconhecida relevância social, vem sendo alvo da preocupação de razoável número de estudiosos, mormente a partir de 1970.

Periódicos da área de Psicologia Social têm publicado, nos últimos anos, crescente número de trabalhos que abordam o assunto, como é exemplo o *Journal of Personality and Social Psychology* (Anderson, Horowitz & French, 1983; Jones, Hobbs & Hockenbury, 1982; Michela, Peplau & Weeks, 1982; Russell, Peplau & Cutrona, 1980; Schmidt & Sermat, 1983; Solano, Batten & Parish, 1982; Weeks, Michela, Peplau & Bragg, 1980; Wheeler, Reis & Nezlek, 1983).

No caso específico do nosso País, a pesquisa científica sobre a solidão teve início com a adaptação e validação da "Revised UCLA Loneliness Scale" (Russell, Peplau & Cutrona, 1980; Russell, Peplau & Ferguson, 1978) para

* Universidade Federal do Ceará

** Universidade de Brasília

uma população brasileira, recebendo a denominação de Escala UCLA de Solidão (Pinheiro & Tamayo, 1984). Ademais, acresça-se a realização de estudo teórico sobre a relação entre sexo e solidão (Pinheiro & Tamayo, no prelo), enquanto outro, que aborda empiricamente a relação entre sexo, urbanização e solidão, encontra-se em fase de elaboração final.

Ao se dispensar tratamento científico a um tema, evidente se constitui a necessidade de que seja estabelecida uma definição para o termo central, a fim de que venha possibilitar uma melhor compreensão do conteúdo do trabalho.

Diversos autores têm demonstrado preocupação na tentativa de definir o termo solidão. Ao mesmo tempo, alguns ressaltam ser a solidão insatisfatoriamente conceituada.

Sobre esse último aspecto, Fromm-Reichmann (1959) admite ser a solidão um dos fenômenos psicológicos menos satisfatoriamente conceituados. Muito pouco é conhecido entre cientistas sobre suas genéticas e psicodinâmicas e, além disso, diversas experiências distintas, que são descritiva e dinamicamente diferentes entre si, tais como solidão culturalmente determinada, estar sozinho por auto-imposição, solidão compulsória, são todas incluídas no recipiente terminológico da solidão.

Mediante revisão feita na literatura relevante de Filosofia Existencial, Psiquiatria e Enfermagem Psiquiátrica, Hendrix (1972) afirma que o conceito e o fenômeno da solidão não eram bem definidos.

D'Aboy (1973), também através de uma avaliação da literatura existente sobre solidão, verificou que não há, para o referido fenômeno, uma definição consistente. Para este autor, o uso da palavra solidão é confuso, na medida em que vocábulos como alienação, solidão criativa e isolamento culturalmente induzido, utilizados para a descrição de diferentes estados afetivos, foram encontrados descritos como solidão. Evidencia, portanto, a falta de clareza no uso do termo e a dificuldade em se comunicar acuradamente o que é solidão, como o significado de um estado afetivo.

Finalmente, Weiss (1973) estabelece uma crítica à definição de solidão apresentada no dicionário de Webster — um estado de desânimo ou pesar pela condição de estar sozinho — por se tratar de uma definição enganosa, uma vez que a solidão é causada, não pelo fato de se estar sozinho, mas por se estar privado de certo relacionamento ou conjunto de relacionamentos.

2. DIMENSÕES DA SOLIDÃO

No que concerne às definições e conceituações apresentadas sobre a solidão, foram registradas dimensões do fenômeno que são ressaltadas pelos estudiosos aqui discutidas nos 06 seguintes aspectos: falta de objetivo e significado de vida; reação emocional; sentimento indesejado e desagradável; sentimento de isolamento e separação; deficiência nos relacionamentos e carência de intimidade; e *unattachment*. Tal divisão visa a elucidar o assunto e a fornecer esclarecimentos suficientes para uma conceituação mais acurada para a solidão.

2.1. Falta de Significado e Objetivo de Vida

A falta de significado e objetivo de vida é apontada como uma dimensão do fenômeno da solidão por alguns autores.

Para Burton (1961), a solidão não é uma condição, mas uma necessidade de autenticação, de significado e de unidade, em uma cultura desumanizante. É a confirmação da vivência psíquica do indivíduo.

O sentimento de falta de objetivo ou significado de vida é apontado por Bradley (1970) como um dos aspectos fundamentais para uma definição de solidão.

Ellison (1978) refere-se ao sentido humano de separação de ou mutualidade com um significado de vida e de Deus como uma dimensão da solidão, em seu aspecto existencial. Fundamenta-se nos escritos do movimento existencialista, que têm repetidamente discorrido sobre a alienação essencial dos seres humanos, que são fundamentalmente separados uns dos outros, os quais transcendem o imediato e o propósito da vida. Desse modo, os existencialistas indiretamente têm delineado o perfil das pessoas existencialmente solitárias.

2.2. Reação Emocional

A dimensão de reação emocional para a solidão é salientada por Mishara (1975), que apresenta uma conceituação em que a solidão é uma reação emocional a uma ausência de relacionamentos gratificantes importantes.

Enquanto isso, para Ellison (1978), a experiência de solidão inclui componentes emocionais, sendo caracterizada por intensa dor emocional.

2.3. Sentimento Indesejado e Desagradável

O aspecto qualitativo do sentimento de solidão, quanto ao contínuo desagradável-agradável, é salientado por Sullivan (1953), para quem a solidão se configura como o sentimento que acompanha uma experiência excessivamente desagradável e dirigida. Considera, outrossim, a solidão como a mais distingível entre as experiências dos seres humanos, pela qualidade insípida de tudo que é dito a seu respeito.

Por outro lado, Moustakas (1961) afirma que a solidão infinita e inevitável do ser humano não é exclusivamente uma condição terrível, mas também um instrumento para experienciar nova compaixão e nova beleza de vida. Essa afirmação fica mais clara, ao se examinar outro trabalho do autor, a seguir comentado.

Para Moustakas (1972), a solidão significa experienciar a agonia da vida, de ser, de morte como um indivíduo isolado, ou conhecer a beleza, a alegria e a maravilha de estar vivo em solidão. Esse duplo significado para o termo é justificado pela opinião do autor de que a solidão tanto pode ser um estado desagra-

dável como agradável, neste último caso representado pela solidão, estado em que a maioria dos estudiosos considera como distinto da solidão. Há que se considerar, assim, que o estado agradável do fenômeno a que se refere Moustakas não corresponde à solidão, que é por ele caracterizada como desagradável.

Outro autor, Walden (1973) também aponta a solidão como um sentimento indesejado e doloroso, enquanto Gerson e Perlman (1979) afirmam que o fenômeno da solidão é quase sempre acompanhado de senso doloroso de desconforto.

Finalmente, Russell, Peplau e Cutrona (1980) referem-se à solidão como uma experiência desagradável.

2.4. Sentimento de Isolamento e Separação

Diversos autores têm dispensado atenção à dimensão do sentimento de isolamento e separação no fenômeno da solidão, como um aspecto relevante.

O sentido de unidade, ressaltada por Burton (1961), relaciona-se à idéia de isolamento e separação, como dimensão da solidão.

Uma separação básica entre homem e seu semelhante e entre homem e sua própria natureza é uma das afirmações de Moustakas (1961) que deve ser considerada para uma conceituação de solidão. Para o autor, a experiência de solidão é tão total, direta e vivida, tão profundamente sentida, que não há espaço algum para qualquer outra percepção, sentimento ou consciência, durante sua permanência. Moustakas (1972) refere-se, ainda, ao indivíduo isolado que vivencia a solidão, que significa estar aparte de e longe de si próprio, viver intensamente o momento de criação de um novo si mesmo.

Solidão é definida por Walden (1973) como um sentimento indesejado e doloroso de separação de certa pessoa, ou de algum aspecto do mundo de alguém.

Para Pittman (1977), solidão significa um sentimento de estar separado dos outros, um sentimento de não totalidade, sendo, muitas vezes, não construtivo, desintegrativo e sem objetivo orientado.

Finalmente, Ellison (1978) afirma ter observado que a solidão envolve sempre uma qualidade central de isolamento, seja ele emocional social ou existencial.

2.5. Deficiência nos Relacionamentos

A dimensão da solidão que mais tem sido explorada por seus estudiosos é a que se refere à deficiência nos relacionamentos da pessoa, à qual estão ligadas a carência de intimidade e a falha na comunicação interpessoal.

Para Sullivan (1953), a solidão se configura como o sentimento que acompanha uma experiência excessivamente desagradável e dirigida, conectada a uma inadequada descarga de intimidade humana, de intimidade interpessoal. O autor refere-se à intimidade como significando exatamente proximidade, um tipo de

situação envolvendo duas pessoas, que permite a valorização de todos os componentes do valor pessoal.

Fromm-Reichmann (1959) afirma que a solidão é um estado de pensamento no qual a pessoa deseja ardente mente que relacionamentos interpessoais em sua vida futura possam ser excluídos da esfera da expectativa ou da imaginação.

Por outro lado, Moustakas (1961) enuncia a falha na comunicação e no doar-se o bastante a outras pessoas como um ponto fundamental para a conceituação de solidão. Moustakas (1972) refere-se ainda à solidão como basicamente um sinal de malogro e falha, um sintoma de colapso nos relacionamentos humanos.

Solidão é considerada por Lopata (1969) como um sentimento vivenciado por uma pessoa, quando ela define seu nível de experiência ou forma de interação como sendo inadequados. É provável que tal sentimento apareça quando a profundidade habitual ou esperada das relações com outras pessoas é julgada como temporária ou permanentemente invalidada, rompida ou subdesenvolvida.

Ainda dentro do conjunto de definições e/ou conceituações da solidão que ressaltam a importância dos relacionamentos interpessoais, está a de Bradley (1970), que define solidão a partir de sentimentos de perda de relacionamentos significativamente personalizados na vida de alguém, como também de necessidade pessoal de e falta de aproximação física e contato com outros.

Tendo encontrado, na literatura existente, a descrição de solidão de longo termo como significando um distúrbio que impede a capacidade do indivíduo em estabelecer relacionamentos satisfatórios, Mishara (1975) conceitua o termo como uma reação emocional a tipos particulares de carências interpessoais, embora diferenças individuais tenham sido notadas na necessidade de contato humano e na tolerância ao isolamento social. Acrescenta uma outra conceituação, segundo a qual solidão é uma reação emocional a uma ausência de relacionamentos gratificantes importantes.

Gordon (1976) apresenta uma definição de solidão, como um sentimento de privação causado pela falta de certas espécies de contatos humanos, o sentimento de que algo está faltando. A solidão é experimentada tanto pela falta de relações íntimas como pela falta de menos profundos, porém não menos importantes, relacionamentos sociais e de apoio — que equivalem a uma rede social de relacionamentos.

Portnoff (1976), considerando existir apenas uma unidade fundamental na descrição de solidão, define-a como uma experiência de desorientação ou como estar perdido dentro de um domínio de significado resultante da quebra ou rompimento de relacionamento com outros significantes.

Em conceito de solidão definido e discutido com referência à velhice, Williar... (1978) coloca que o referido fenômeno é um sentimento que domina determinada pessoa, quando lhe parece que ninguém se preocupa com o que lhe acontece. O sentimento é expressado como auto-piedade, assim fazendo com que a pessoa pense apenas em si e em coisas que espera dos outros.

Para Gerson e Perlman (1979), "solidão reflete uma deficiência nas relações sociais de alguém, que quase sempre é acompanhada dum sentido doloroso de desconforto". (p. 258).

Chelune, Sultan e Williams (1980) afirmam que "a solidão parece ser largamente uma experiência subjetiva associada à percepção de uma falta de relacionamento interpessoal" (p. 462). Além disso, citam afirmação de Sermat e Smith (1973), segundo a qual a solidão decorre principalmente da falta de uma oportunidade para falar de assuntos particulares pessoalmente importantes com mais alguém. Perlman e Peplau (no prelo, *apud* Chelune, Sultan & Williams, 1980) asseguram que a solidão existe, na medida em que a rede de relacionamentos sociais de uma determinada pessoa é menor ou menos satisfatória do que a pessoa deseja.

Para Anderson, Horowitz e French (1983), a falha interpessoal e a falta de competência interpessoal estão implícitas no conceito de solidão.

Schmidt e Sermat (1983) descrevem a solidão em termos de uma discrepância sentida subjetivamente entre os tipos de relacionamentos que o indivíduo percebe que tem e aqueles que ele gostaria de ter.

Finalmente, a solidão é definida por Wheeler, Reis e Nizleuk (1983) como a ausência relativa de participação social significativa.

2.6. Unattachment

Embora o *unattachment* possa ser incluído em uma discussão geral sobre a deficiência de relacionamentos humanos como uma dimensão da solidão, o seu nível mais profundo e acentuado vem a merecer tratamento mais específico, dada a sua importância para a compreensão e definição de solidão, conforme afirmação de alguns autores, a seguir exploradas.

Assim, convém citar Weiss (1973), que define solidão como uma resposta à ausência de algum tipo particular de relacionamento ou, mais acuradamente, uma resposta à ausência de alguma provisão relacional particular. Em muitas instâncias, constitui-se uma resposta às ausências das provisões de um *attachment* íntimo, verdadeiramente íntimo, podendo ser, também, uma resposta à ausência de provisão de amizades significativas, relacionamentos colegiais ou outras ligações para uma comunidade coerente. Tomando essas instâncias como suporte, o referido autor infere que a solidão é uma resposta à deficiência relacional e que, apesar das diferenças de cada experiência de solidão, existem sintomas comuns, o que possibilita falar-se de solidão como uma condição singular.

A partir dessas colocações, Weiss apresenta duas formas amplas de solidão, a saber: solidão de isolamento emocional, resultante da ausência de uma ligação emocional íntima, e solidão de isolamento social – associada com a falta de uma rede social engajante. Mesmo apresentando sintomas diferentes, tanto para a solidão emocional como para a social são inerentes à mesma inquietação dirigida e à mesma ânsia pela falta de provisões relacionais.

Ellison (1978) afirma que a solidão envolve a falta de intimidade positivamente experienciada com outra pessoa, que é percebida como significante e que deseja mutuamente o relacionamento. A solidão basicamente refere-se à falta de relacionamento satisfatório para o indivíduo, estado no qual a pessoa se sente *unattached*; por várias razões, é incapaz de iniciar e continuar relacionamentos significativos, ou é incapaz de obter satisfação psicológica de relacionamentos que lhe são importantes.

Além disso, Ellison (1980) menciona que a solidão não é o mesmo que estar só, uma vez que solidão é sentir-se só, sentir-se desligado; um desejo insatisfeito de companhia, um senso de separação das pessoas que são emocionalmente importantes para quem sente solidão. A solidão deve-se a uma deficiência de intimidade, e um certo grau de intimidade é necessário a todos os seres humanos. Para Ellison, a solidão é a falta de ser querido e de ter um relacionamento significativo, para as pessoas que têm dificuldade de encetar um relacionamento íntimo. Em relação às demais pessoas, significa a perda de uma relação íntima por uma separação física ou psicológica. Mais à frente, acrescenta que "a solidão é um desejo insatisfeito de companhia". (p. 34).

3. CONCLUSÃO

Uma análise das definições e conceituações ora apresentadas sobre solidão permite registrar, como já anteriormente comentado, que os estudiosos incluem as seguintes dimensões para o fenômeno: falta de objetivo e significado de vida; reação emocional; sentimento indesejado e desagradável; sentimento de isolamento e separação; deficiência nos relacionamentos e carência de intimidade; e *unattachment*. Alguns autores enfatizam determinadas dimensões e omitem outras, observando-se, ainda, a pouca ênfase que é dispensada a dimensões que se configuram importantes para o fenômeno da solidão, como a sua intrínseca característica de desagradabilidade e a sua inerente característica de *unattachment*.

Há que se observar, assim, a falta de um consenso conceitual para o termo solidão, entre os estudiosos do assunto. Uma consequência por demais importante desse fato é a ausência de uma linguagem universalmente comprehensiva sobre o tema. Ademais, conceituações insatisfatórias surgem e, desse modo, não cobrem a amplitude total do fenômeno da solidão, abrangendo, então, apenas algumas de suas dimensões.

Necessário se faz, portanto, que se estabeleça uma definição consistente para o fenômeno da solidão, de modo a que sua compreensão se faça real e ampla o suficiente para um entendimento mais completo de seu significado.

Assim, com base na literatura consultada sobre a solidão, propõe-se a seguinte definição para o termo, consideradas as suas dimensões: solidão é uma reação emocional de insatisfação, decorrente da falta e/ou deficiência de relacionamentos pessoais significativos, a qual inclui algum tipo de isolamento.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSON, C. A.; HOROWITZ, L. M.; FRENCH, R. S. Attributional style of lonely and depression people. *Journal of Personality and Social Psychology*, 45 (1): 127-36, 1983.
- BRADLEY, R. Measuring Loneliness. *Dissertation Abstracts International*, 30 (7-B): 3382, jan. 1970.
- BURTON, A. On the nature of loneliness. *American Journal of Psychoanalysis*, 21 (31): 34-9, 1961.
- CHELUNE, G. J.; SULTAN, F. E.; WILLIAMS, C. L. Loneliness, Self-disclosure, and interpersonal effectiveness. *Journal of Counseling Psychology*, 27 (5): 462-8, 1980.
- D'ABOY, J. E. Loneliness: An investigation of terminology. *Dissertation Abstracts International*, 33 (7-B), 3281, jan. 1973.
- ELLISON, C. W. Loneliness: A social-developmental analysis. *Journal of Psychology and Theology*, 6 (1): 3-17, 1978.
- ELLISON, C. W. *Solidão - Uma doença psicológica*. Rio de Janeiro, Record, 1980.
- FROMM-REICHMANN, F. Loneliness. *Psychiatry*, 22 (1): 1-15, 1959.
- GERSON, A. C. & PERLMAN, D. Loneliness and expressive communication. *Journal of Abnormal Psychology*, 88 (3): 258-61, 1979.
- GORDON, S. *Lonely in America*. New York, Simon and Schuster, 1976, 318 p.
- HENDRIX, M. J. Toward an operational definition of loneliness. *Dissertation Abstracts International*, 33 (4-B): 1974, oct. 1972.
- JONES, W. H.; HOBBS, S. A., HOCKENBURY, D. Loneliness and social skill deficits. *Journal of Personality and Social Psychology*, 42 (4): 682-9, 1982.
- LOPATA, H. Z. Loneliness: Forms and components. *Social Problems*, 17 (2): 248-61, 1969.
- MICHELA, J. L.; PEPLAU, L. A. WEEKS, D. G. Perceived dimensions of attributions for loneliness. *Journal of Personality and Social Psychology*, 43 (5): 929-36, 1982.
- MISHARA, T. T. A social self approach to loneliness among college students. *Dissertation Abstracts International*, 36 (3-B): 1446, sep 1975.
- MOUSTAKAS, C. E. *Loneliness*. Englewood Cliffs, Prentice-Hall, 1961, 103 p.
- MOUSTAKAS, C. E. *Loneliness and love*. Englewood Cliffs, Prentice-Hall, 1972, 146 p.
- PERLMAN, D., & PEPLAU, L. A. Toward a social psychology of loneliness. In: GILMOUR R. & DUCK S. (eds.), *Personal relationships in disorders*. New York, Academy Press, in press.
- PINHEIRO, A. de A. A. & TAMAYO, A. Escala UCLA de solidão: Adaptação e validação. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 36 (1): 36-44, 1984.
- PINHEIRO, A. de A. A. & TAMAYO, A. Sexo e solidão: Uma revisão. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Rio de Janeiro, 1984 (no prelo).
- PITTMAN, W. M. The relative effectiveness of three group counseling approaches in reducing loneliness among college students. *Dissertation Abstracts International*, 37 (8-A): 4870, feb, 1977.
- PORTNOFF, G. The experience of loneliness. *Dissertation Abstracts International*, 36 (12-B, pt. 1): 6452, jun. 1976.
- RUSSELL, D.; Peplau, L. A. CUTRONA, C. E. The Revised UCLA loneliness Scale: Current and discriminant validity evidence. *Journal of Personality and Social Psychology*, 39 (3): 472-80, 1980.
- RUSSELL, D.; PEPLAU, L. A.; FERGUSON, M. L. Developing a measure of loneliness. *Journal of Personality Assessment*, 42 (3), 290-4, 1978.

- SCHMIDT, N. & SERMAT, V. Measuring loneliness in different relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 44 (5), 1038-47, 1983.
- SERMAT, V. & SMITH, M. Content analysis of verbal communication in the development of a relationship: Conditions influencing self-disclosure. *Journal of Personality and Social Psychology*, 26: 332-46 1973.
- SOLANO, C. H.; BATTEEN, P. G.; PARISH, E. A. Loneliness and patterns of self-disclosure. *Journal of Personality and Social Psychology*, 43 (3): 524-31, 1982.
- SULLIVAN, H. S. *The interpersonal theory of psychiatry*. New York, Norton, 1953.
- WALDEN, P. A. A philosophical investigation of loneliness. *Dissertation Abstracts International*, 34 (4-A): 1978, oct. 1973.
- WEEKS, D. G.; MICHELA, J. L.; PEPLAU, L. A. BRAGG, M. L. Relation between loneliness and depression: A structural equation analysis. *Journal of Personality and Social Psychology*, 39 (6): 1238-44, 1980.
- WEISS, R. S., ed. *Loneliness: The experience of emotional and social isolation*. Cambridge, MIT Press, 1973, 236 p.
- WHEELER, L.; REIS, H.; NEZLEK, J. Loneliness, social interaction, and sex roles. *Journal of Personality and Social Psychology*, 45 (4): 943-53, 1983.
- WILLIAMS, L. M. A concept of loneliness in the elderly. *Journal of the American Geriatrics Society*, 26 (4): 183-7, 1978.

é o significante que decide!! introduzindo a diferença que permite marcar os golpes, se repetindo diferente, ele assegura a repetição escapar à identidade de seu eterno retorno por outro lado, cada golpe, sendo desde então um outro, há a probabilidade, se aparece o mesmo no entanto, que esse mesmo venha do real definido desde logo para ser o que vem sempre ao mesmo lugar." In: A Divisão do Sujeto. Vol. 2/3.

1. INTRODUÇÃO

O tema central desse trabalho foi-nos suscitado na época da redação de uma dissertação de mestrado¹ em psicopatologia, sobre as diferenças psicosociais através do estudo da identificação. Daí vimos aprofundando-o e atualizando-o, principalmente através da bibliografia da Escola Freudiana de París que nos é disponível.

O nosso intento específico é compreender a cunhagem pelo sujeito da forma de interacção social que se dê ao longo do processo de identificação. Entendemos que todo interacção tem um sentido Gestáltico – como integridade relacional e que impõe troca de informações em significados.